

De vassalãs a avassaladoras: As lutas e conquistas das mulheres pela igualdade de gênero na sociedade e na literatura.

Fernanda Leite Trindade Brito Pontes¹
Laliann Rocha Silva ²

RESUMO

A primeira coisa que vem à cabeça de algumas pessoas quando veem uma mulher com um livro em mãos é a ideia de que o livro é de histórias de amor. “Histórias de amor são estúpidas e simplórias!”, “Livros de romance são estúpidos e simplórios!”, “Mulheres são estúpidas e simplórias!”. Logo, tudo o que as agrada faria parte de um gênero menor, insignificante e superficial. É “literatura de mulherzinha”, já diziam os hostis. Nossa pesquisa tem por finalidade mostrar o grande equívoco desse ranço preconceituoso, esse é um dos papéis da mulher na literatura. E para tanto, expusemos a obra da primeira mulher a falar do feminismo no Brasil e na América Latina, Nísia Floresta, além de relatarmos a guerreira campista Benta Pereira. Nísia registra no papel no século XIX o que Benta lutou na prática no século XVIII. Durante os séculos XVIII e XIX, a forte sociedade patriarcal ainda era predominante e impunha as suas vontades às mulheres que, por sua vez, ficavam restritas a um espaço privado e não tinham oportunidade de mostrar suas reais capacidades. Transpor essas barreiras era um processo desafiador ao contexto conservador. Duas brasileiras quase desconhecidas que desmascararam a sociedade ambígua em que viviam para que, assim, nós pudéssemos, hoje, ter uma melhor compreensão a respeito desse assunto tão relevante. Em razão de suas contribuições para uma sociedade mais igualitária e humana, percebemos o empenho e dedicação para a conquista da tão almejada voz, a voz uníssona daquelas que deixaram de ser vassalãs para serem avassaladoras.

Palavras-chave: Nísia Floresta; Benta Pereira; liberdade; feminismo; Literatura.

Abstract

The first thing that comes to mind of some people when they see a woman with a book in hands is the idea that the book is a novel. “Novels are stupid and simpletons!”, “Love stories are stupid and simpletons!”, “Women are stupid and simpletons!”. Then, everything that pleases them would be part of a minor, insignificant and superficial genre. It's "woman's literature," say the hostile. Our research intends to show the great misconception of this prejudiced rancidity, this is one of the women's role in literature. And for that, we have exposed the work of the first woman to speak of feminism in Brazil and in Latin America, Nísia Floresta, beside to report the brave woman from Campos dos Goytacazes, Benta Pereira. Nísia registers on paper in the 19th Century what Benta fought in practice in the 18th Century. During the 18th and 19th

Centuries, the strong patriarchal society was still prevailing and imposed its wills to women who, in turn, were restricted to a private space and had no opportunity to show their real abilities. Transposing these obstacles was a challenging process to the conservative context. Two almost unknown Brazilian women who unmasked the ambiguous society in which they lived so that we could, nowadays, have a better understanding about this so relevant matter. Because of their contributions to a more equal and humanitarian society, we perceive the commitment and dedication to the achievement of the desired voice, the unison voice of those who ceased being vassals to become overpowering.

Key words: Nísia Floresta; Benta Pereira; freedom; feminism; Literature.

* Este artigo constitui-se no trabalho de conclusão de curso da Pós-Graduação Lato Sensu em “Literatura, Memória Cultural e Sociedade” do Instituto Federal Fluminense, Campus Campos-Centro. No ano de 2017, desenvolvido sob a orientação da professora Raquel Fernandes – Mestre em História e Crítica da arte / UERJ.

¹ Graduada em Letras – Língua Portuguesa/ Língua Inglesa pelo Centro Universitário Fluminense – UNIFLU / Campos I. E-mail: feletribrito@gmail.com

² Graduada em História pelo Centro Universitário Fluminense – UNIFLU / Campos I. Pós-graduada Lato Sensu em História do Brasil e da África pela UNIFLU – FAFIC, 2012. E-mail: lilinharochoa@gmail.com

Introdução:

O século XIX trouxe intensas mudanças na economia e na sociedade da Europa ocidental e essas mudanças se espalharam a partir da segunda revolução industrial. Classe operária em absurda exploração, mulheres, negros, colonizados, esses grupos amargaram momentos que os impulsionaram a movimentos em busca de mudanças.

O conhecimento, o saber e a escrita sempre estiveram ligados ao poder, e como tal, foram usados como mecanismos de dominação, neste caso, numa sociedade patriarcal a dominação citada está nas mãos dos homens, sendo assim as mulheres eram excluídas.

A educação feminina era voltada para atividades domésticas, as que recebiam algo a mais estavam em conventos ou tinham que contratar professores particulares, mesmo assim representavam uma enorme minoria.

Dessa forma, eram classificadas com incapazes de adentrarem no universo literário, assim como nos demais universos.

O subterfúgio encontrado por muitas mulheres era de usar nomes masculinos para poder expor suas opiniões ou simplesmente fazer aquilo que lhes era negado, diante do desequilíbrio tamanho da diferença de gênero.

Benta Pereira e Nísia Floresta representam muito bem esse momento. Benta entrou em ação, colocou em prática seu espírito aguerrido, lutou por direitos e contra preconceitos por usar saias, foi e sempre será um orgulho para a nossa planície **Goytacá**, uma verdadeira guerrilheira que, mesmo não tendo deixado nada escrito, teve sua história contada pelo seu povo e pesquisada por historiadores.

No século seguinte ao de Benta, Nísia teve a oportunidade de colocar no papel tudo o que incomodava e tudo o que precisava ser mudado numa época em que tal atitude ainda era muito vista como atrevimento, audácia, crime! Nísia representa uma exceção em todos os aspectos, ela escreveu livros, mas, além disso, ela escreveu livros sobre a causa feminina, tornou-se a primeira mulher no Brasil e na América latina a falar e a escrever sobre o direito das mulheres, um ícone social e na literatura.

Portanto, a ideia central de nosso trabalho é expor as lutas das mulheres tratadas como vassalas, escravas subordinadas a convenções sociais e vê-las se apropriarem do seu próprio poder oculto e conquistar espaço e notoriedade.

1. Contexto histórico: Homens, mulheres e seus respectivos papéis no século XIX

A história da humanidade é marcada por permanências e transformações a situações que vão se apresentando com o passar do tempo, o que acarreta nas adaptações do homem a tais condições e às implicações que serão geradas a partir de então.

O século XIX é marcado por muitas transformações e desdobramentos. Com a criação da Constituição, iniciou-se a substituição do trabalho escravo

pelo trabalho assalariado, além de as fazendas de café e outras lavouras brasileiras modernizarem-se. As cidades cresceram e nelas as primeiras indústrias se instalaram, surgindo a classe operária. É claro que tudo aconteceu gradualmente e em poucas regiões do país, mais especificamente na região sudeste – Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo – as outras regiões, como o Nordeste, mantiveram as antigas características coloniais, grandes fazendas, trabalho escravo, o poder sendo dos fazendeiros e pouca urbanização. Mesmo com o surto industrial, o Brasil era predominantemente agrário, com a economia dependente do café. (FAUSTO, Boris. 2002.)

Apesar das transformações do século XIX, uma característica da sociedade brasileira se mantinha inabalável, o patriarcalismo. De acordo com o professor Aroldo de Azevedo (1980),

Era o patriarca de um grupo de famílias. (...) Era o Pai, o Sogro, o Avô; mas, antes de tudo, o Amigo e o Conselheiro. Jamais alguém ousou desrespeitá-lo, no lar ou fora dele. (...). Encarnava a sabedoria e ninguém dele se aproximava sem que, de imediato, se sentisse envolvido pela confiança que irradiava de sua marcante personalidade. (Aroldo de Azevedo, referindo-se ao fazendeiro Ignácio Cochrane.)

Até mesmo viajantes que por aqui passaram deixaram suas impressões a respeito da sociedade da época. J. K. Tuckey (DEL PRIORE, 2006, p. 177.)

diz:

Entre as mulheres do Brasil, bem como as de outros países da zona tórrida, não há intervalo entre os períodos de perfeição e decadência. Como os delicados frutos do solo, o poderoso calor do sol amadurece-as prematuramente e, após um florescimento rápido, deixam-nas apodrecer. Aos 14 anos tornam-se mães, aos 16 desabrochou toda a sua beleza e, aos 20, estão murchas como as rosas desfolhadas no outono. Na zona tórrida, se o homem ficar circunscrito a uma mulher, precisará passar quase dois terços de seus dias unido a uma múmia repugnante e inútil para a sociedade, a não ser que a depravação da natureza humana, ligada à irritação das paixões insatisfeitas, o conduzisse a livrar-se do empecilho por meios clandestinos. Essa limitação a uma única mulher é uma das principais causas de licenciosidade ilimitada dos homens e do espírito intrigante das mulheres. No Brasil, as relações sexuais licenciosas talvez igualem o que sabemos que predominou no período mais degenerado do Império Romano.

Como vimos, o poder do homem era imposto como algo institucional, moldando e submetendo toda sociedade a esse poder, sendo o homem o

grande privilegiado e beneficiado, aquele que está no pedestal. Já a mulher se via submissa a seu pai, irmãos, marido e inclusive filhos, condição essa, intitulada desde a Grécia Antiga.

Chico Buarque (1976) compôs uma canção, Mulheres de Atenas, expondo características do modo de vida das mulheres gregas e ao mesmo tempo elaborando uma crítica à sociedade atual.

Mirem-se no exemplo
Daquelas mulheres de Atenas
Vivem pros seus maridos
Orgulho e raça de Atenas

Quando amadas, se perfumam
Se banham com leite, se arrumam
Suas melenas
Quando fustigadas não choram
Se ajoelham, pedem imploram
Mais duras penas; cadenas

Mirem-se no exemplo
Daquelas mulheres de Atenas
Sofrem pros seus maridos
Poder e força de Atenas

Quando eles embarcam soldados
Elas tecem longos bordados
Mil quarentenas
E quando eles voltam, sedentos
Querem arrancar, violentos
Carícias plenas, obscenas

Mirem-se no exemplo
Daquelas mulheres de Atenas
Despem-se pros maridos
Bravos guerreiros de Atenas

Quando eles se entopem de vinho
Costumam buscar um carinho
De outras falenas
Mas no fim da noite, aos pedaços
Quase sempre voltam pros braços
De suas pequenas, Helenas

Mirem-se no exemplo
Daquelas mulheres de Atenas:
Geram pros seus maridos
Os novos filhos de Atenas

Elas não têm gosto ou vontade
Nem defeito, nem qualidade
Têm medo apenas
Não tem sonhos, só tem presságios
O seu homem, mares, naufrágios
Lindas sirenas, morenas

Mirem-se no exemplo
Daquelas mulheres de Atenas
Temem por seus maridos
Heróis e amantes de Atenas

As jovens viúvas marcadas
E as gestantes abandonadas
Não fazem cenas
Vestem-se de negro, se encolhem
Se conformam e se recolhem
Às suas novenas, serenas

Mirem-se no exemplo
Daquelas mulheres de Atenas
Secam por seus maridos

Orgulho e raça de Atenas (Buarque, 1976. Canção: Mulheres de Atenas, Álbum: Meus caros amigos. Gênero: MPB. Gravadora: PHILIPS)

A crítica de Buarque (1976) é justamente por haver, na cultura contemporânea, valores que ainda impõem à mulher a imagem da mulher perfeita seguindo a lógica do patriarcalismo.

Em 18 de abril de 2016, a revista *Veja* publicou uma matéria que traçava o perfil de Marcela Temer, de 32 anos, mulher do presidente da República Michel Temer, 75 anos. A matéria causou grande polêmica no Brasil, pois a revista usou um viés machista para caracterizar a primeira dama, a referência era “bela, recatada e do lar”, alegando que a primeira dama seria um exemplo a ser seguido, por ser uma mulher distinta, discreta, por cuidar da família e usar roupas até o joelho, a matéria ainda finaliza indicando o presidente como um homem de sorte. Em momento nenhum foi comentado na matéria a situação política do país, o que se teve foi um texto machista, impondo a mulher a uma condição desfavorável e submissa, tudo sob a premissa de algo bom, como se fosse um elogio. Uma mulher que se preze é aquela que cuida da casa, da família, do marido, dos filhos, que trabalhe fora, que ajude nas despesas, que esteja sempre sorridente e desejável para seu marido e, acima de tudo, sem contestações. Ou seja, “bela, recatada e do lar”, bela como Helena para manter o desejo do ser amado, e recatada, virtuosa e digna como Penélope.

O que observamos é, na verdade, uma inversão de valores, as leis que protegem os homens como os grandes senhores, estão em processo extremamente gradual para deixar de ser discriminatório como foi na cultura ateniense, já que na Grécia Antiga as mulheres não eram consideradas cidadãs e, do mesmo modo que no século XIX, ocupavam uma posição de inferioridade social em relação aos indivíduos do sexo masculino. Destarte, tal relação de desigualdade corroboraria por atribuir às mulheres atividades direcionadas, em geral, às tarefas domiciliares e à procriação, isto é, o ambiente “natural” delas estava circunscrito ao lar, educando e gerando os filhos de seus maridos, sendo que, assim, elas deveriam ser subservientes aos seus cônjuges e lhe prestar total fidelidade.

Até mesmo no movimento cultural e intelectual de tamanha magnitude como foi o iluminismo, mais uma vez as mulheres foram marginalizadas,

Rousseau (1999) filósofo iluminista defendia a submissão das mulheres, e na Revolução Francesa a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, em 1789, excluía as mulheres de suas pautas, portanto a “Liberdade, Igualdade e Fraternidade” era para uma minoria. Mesmo assim é inegável a participação ativa das mulheres no movimento revolucionário francês, **como prova a Marcha sobre Versalhes.**

A Marcha sobre Versalhes, também conhecida como Marcha de Mulheres a Versalhes, que foi um dos primeiros acontecimentos da revolução, mulheres simples, trabalhadoras, cansadas dos abusos do governo, juntam-se e marcham a caminho do palácio de Versalhes, exigindo reformas políticas liberais e uma monarquia constitucional para a França. Elas saquearam o arsenal de armas da cidade, invadiram o palácio, cortaram a cabeça dos guardas e levaram para a família real francesa em Paris. **(Hobsbawm, Eric J. 1996.)**

Não passou despercebido das mulheres francesas a exclusão de seus direitos da Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, a francesa Olympe de Gouges, que em 1791 fez um panfleto intitulado Declaração dos Direitos das Mulheres e da Cidadã, uma versão feminina da Declaração dos Homens. Nele, a francesa pede ação às mulheres: “Ó, mulheres! Mulheres, quando deixareis vós de ser cegas?” Olympe foi executada em 1793. **(GOUGES, Olympe. 1791)**

O avanço que temos hoje devemos a mulheres que não se calaram diante de tais situações, mulheres que enfrentaram obstáculos no passado para conseguir ter voz. Nossa pesquisa propõe mostrar justamente o eco dessa voz através da Benta Pereira, que no motim de 21 de maio de 1748, montou num cavalo e armada liderou uma revolta contra o 3º Visconde de Asseca, Diogo Corrêa de Sá, donatário da capitania da Paraíba do Sul. Ela lutava não só pela liberdade de suas terras, cujas delimitações haviam sido infringidas pelos viscondes, como contra os pesados impostos requeridos pelo donatário. **(Tinoco, Godofredo. 1958)**

E por meio de Nísia Floresta, que no século XIX, apesar de todos os empecilhos de um mundo conservador, lutou por mudanças e é considerada a

primeira mulher no Brasil e até mesmo na América Latina a romper os entraves da época em que vivia. Ela publicou textos e livros falando da mulher, sua condição e seus direitos, além dos índios e escravos. Também devemos ressaltar a dificuldade em abordar o assunto devido à falta de importância que a historiografia brasileira dá a participação da mulher nos fatos históricos, o que nos remete a mais uma condição do patriarcalismo e à marginalização da mulher na sociedade brasileira.

2. Benta Pereira

É válido falar um pouco dos feitos e efeitos importantes das mulheres de garra que não se deixaram abater pela opressão de uma sociedade ainda escravocrata, com sérias lutas por expansão territorial e torrencialmente machista de berço. Os entraves que as icônicas mulheres travavam e que até hoje o fazem, nem sempre são colocados em devida evidência no arcabouço histórico, seja pela cultura ou pelos resquícios que o patriarcalismo ainda deixa na sociedade.

De tantas mulheres ícones ao longo da história, abordaremos, então, além da Nísia Floresta, Benta Pereira, que nasceu em 1675, em Campos dos Goytacazes e faleceu em 10 de dezembro de 1760, mulher de garra, inteligente e muito perspicaz segundo a história. Casou-se com Pedro Manhães Barreto, com quem teve seis filhos. Dentre eles, Mariana de Souza Barreto que foi considerada tão importante quanto à mãe para a história, além de seu filho, Francisco Manhães Barreto, também apoiador dos valores sociais, segundo Viana, Sandra (2002).

No ano de 1713 ela se tornou viúva e assumiu sua família tanto nos negócios quanto na sua própria casa. Segundo Tinoco (1958), sua família não possuía poucos bens, era detentora de muitas terras, várias casas e dona de dezenas de escravos. Benta era reconhecida como boa administradora de suas posses, no entanto sentia diretamente na pele a má administração do governo.

O que é muito intrigante e relevante em sua história é que, segundo Viana, Sandra (2002), as mulheres sem um homem ao lado eram rejeitadas e ainda mais invisíveis, mas, mesmo com a morte do seu marido, independentemente de não ter uma figura masculina ao seu lado, o que era

imprescindível naquela época - fato que, em muitos momentos, perdura-se até hoje - Benta não se deu por vencida nem se desestruturou, ela fez com que sua voz ecoasse, ainda que sem um homem que pudesse defendê-la. O fato de ela não estar respaldada numa figura masculina assustou a geração daquele período, foi um marco para sua história, afinal, não era normal que uma mulher se posicionasse de tal forma naquela época, tomando a frente de seu território, envolvendo em seus braços o que era dela por direito.

Ainda segundo Sandra Viana (2002), enquanto os homens comandavam, as mulheres se calavam, sem estudo, sem oportunidade de trabalho e sem voz para opinar no que quer que fosse, mas não Benta, ela não se dissuadiu de suas ideias e convicções, combateu de forma grandiosa não só fisicamente, mas o mais importante, fez com que, por meio de seus atos e de sua valentia toda a população tivesse uma progressão, ainda que ínfima, dos ideais de igualdade, mesmo que indiretamente, mas com garra e fidelidade aos seus propósitos.

2.1 Momento Histórico de Campos dos Goytacazes e a bravura de Benta Pereira – O levante de 21 de maio de 1748.

Para compreendermos a importância da bravura de Benta Pereira, é necessário que observemos o momento político daquela época. Em 1674 o governador Salvador Correia de Sá e Benevides obteve para seu filho, Martim Correia de Sá uma capitania recém-criada, a capitania de Paraíba do Sul, é o que enfatiza Sandra Viana (2002).

Posteriormente, em 1677, cria-se a Vila de São Salvador dos Campos de Goitacás. Martim foi o Primeiro Visconde de Asseca, que é um título que foi criado oficialmente por carta pelo Rei português D. Afonso VI, no dia 15 de Janeiro de 1666, a favor de Martim Correia de Sá e Benevides Velasco, que, por sua vez, sendo o donatário das terras, tinha a certeza de que a planície era concernente somente a ele e sua família, fazendo dela o que quisesse e explorando o máximo que pudesse, com suas tropas aliadas, tornando, então, seus moradores pagantes de altíssimos impostos, dando a eles uma condição miserável de vida e os escorraçando de suas próprias terras durante setenta e nove anos.

Com toda essa sublevada situação, os moradores da Planície Goitacá tinham duas opções, não defender seu patrimônio, pagar impostos altíssimos e aceitar a soberania dos Assecas ou lutar arrojada e intrepidamente pelos seus direitos, pelas suas terras e pela dignidade do seu povo.

Segundo Tinoco (1958), foi dessa forma que, em 21 de maio de 1748, com o “famoso levante”, Benta fez história, mostrando a bravura da mulher guerreira que, aos seus setenta e três anos, lutou destemidamente para ver suas terras e de seus conterrâneos livres dos donatários, chefiando, a cavalo, os seus concidadãos. Ela combateu os oponentes magnanimamente, com uma espada na mão, conclamando ordem e exortando, diligentemente, à luta, até que a liberdade da Planície Goitacá fosse alcançada.

Os donatários recuaram, tamanha magnitude da mulher campista. É o que descreve o autor Godofredo Tinoco:

“Num verdadeiro pandemônio, homens e mulheres combatiam encarniçadamente para dominar e vencer a força compressor da traição, e para vingar o sangue campista.

Quando ecoaram os tiros, o capitão Domingos Tavares fez avançar a sua cavalaria, sendo seguido pelo pessoal do Visconde e se foram reunir às companhias de ordenanças que a esse tempo já se batiam porfiadamente, com numerosos combatentes chefiados por Benta Pereira, que a cavalo dirigia a ação, dando varonil exemplo de sua temeridade.” (Tinoco, 1958, p.76)

Com todos esses acontecimentos, é de extrema importância ressaltar que Benta Pereira Já se fazia questionadora, revolucionária e impulsionadora de seu povo muito antes do levante de 21 de maio de 1748. Parafraseando Godofredo Tinoco, 1958, Benta, aos 55 anos - 18 anos antes do 21 de maio que é comemorado nos dias de hoje, já concentrava e fomentava o instinto reacionário do povo contra o catastrófico governo, como é provado com a reunião em sua casa na noite de 14 para 15 de maio de 1730.

A intrépida amazona, **como relata Tinoco (1958)**, usava todos os seus artifícios em prol da liberdade e justiça, mas dificilmente conseguia ser ouvida, enquanto isso, os donatários continuavam alheios aos pedidos do povo, humilhando, dando sentenças de morte, de prisão, deportação e etc.

Mesmo com toda essa opressão, em 1732, 16 anos antes do levante, Benta, num ato de súplica e protesto, mandou seu filho Francisco Manhães Barreto a Portugal, para expor ao Rei todas as mazelas causadas ao povo campista, mesmo sabendo que isso poderia causar vexações e afrontas à sua família. Uma entre várias tentativas que não foi em sua totalidade eficaz.

Enfim, em 1748, o 4º Visconde de Asseca confirma ter posse sobre a capitania, fazendo com que o povo campista se indignasse ainda mais. E quando o procurador veio a Campos para tomar posse oficialmente das terras, os campistas começaram com um movimento de resistência, contestando tal absurdo.

É o que afirma Godofredo Tinoco:

“O motim estava francamente declarado, a Câmara tem dificuldades para dar posse ao procurador do donatário; o povo apresenta embargos pelo seu procurador Manhães Barreto. E Câmara indefere. O procurador não desanima e volta a pedir reconsideração, já agora acompanhado de uma centena de amigos interessados. A Câmara insiste. O procurador recorre ao Governador Geral que, depois de ouvir o procurador da coroa, foi contrário à posse por haver terceiros prejudicados. Em consequência, lavra-se na Câmara um termo de concordata com o povo, de não se dar posse ao donatário...” (Tinoco, 1958, p.71)

Parafraseando Tinoco (1958), como podemos observar, muitas medidas foram tomadas em prol da liberdade da planície e em prol da paz, mas nenhuma, antes do levante, teve plena eficácia.

Manhães Barreto, filho de Benta, tentou um acordo, a concordata, um tratado de paz, para que não houvesse sangue derramado – mais uma vez a família de Benta foi participante direta do levante – todavia ele foi enganado. A concordata, de fato, não teve eficácia e foi violada, visto que a ganância deslumbrava e ludibriava os donatários, sedentos por poder e pelas terras da planície. O povo não podia se calar e não se calou.

Além de toda bravura de seu filho Manoel, sua filha, Mariana, também enfrentou os opositores, atacou bravamente a casa da Câmara com seus aliados. E foi a própria Mariana, sangue de Benta Pereira que algemou com

suas próprias mãos os oficiais da câmara. Com toda essa arrojada bravura, podemos perceber que toda a família de Benta Pereira era engajada, comprometida com a sociedade e com a liberdade. Entretanto, toda essa valentia tinha um preço alto a ser pago.

Posteriormente, Mariana acha necessário tramar uma fuga para escapar da opressão que seria recaída sobre ela, mas foi presa. Foi ela a única mulher sentenciada e degredada para África. Contudo, em concordância com a história, subseqüentemente, seu marido, Gerônimo Ferreira, que era português, conseguiu com que ela voltasse para Campos.

No final do dia do levante, é contado por Tinoco, 1958, que a Vila de São Salvador dos Campos dos Goitacás estava finalmente e, por muito merecimento, livre para os guerreiros, em posse dos bravos campistas os quais lutaram incansavelmente pela sua liberdade. Entretanto o medo ainda se fazia presente durante muito tempo, o receio de retaliação era grande.

Toda essa história sobre o levante é de tamanha relevância para evidenciar e pontuar todo o movimento, engajamento e bravura que fizeram com que a “intrépida amazona” se tornasse a mítica figura que digladiou fortemente para que sua família e seus conterrâneos se desvencilhassem dos grilhões que os impediam de viver dignamente em suas terras e em sua sociedade.

2.2 Homenagens atribuídas à Benta Pereira

Pela enorme significância de Benta aos campistas, muitas homenagens foram feitas em seu favor na cidade de Campos como: nome de rua, de edifício, de escola - cujo hino também a homenageia - além de uma efígie com a imagem idealizada de Benta Pereira no jardim São Benedito, entre outros.

Tão grande era e ainda é a importância de Benta para a sociedade, embora muitos cidadãos campistas, infelizmente, não conheçam a história da formação de Campos e quem ajudou a constituí-la, que o hino de Campos dos Goytacazes faz uma homenagem honrosa a ela.

O hino da cidade partiu de um poema de Azevedo Cruz - poeta simbolista - “Amantia Verba” (Declaração de Amor), dedicado a Campos dos

Goytacazes, cujos versos foram utilizados pelo professor e musicista Newton Périssé Duarte ao criar a melodia do hino a Campos.

Segue abaixo um fragmento do poema:

AMANTIA VERBA

Campos formosa, intrépida amazona
Do viridente plaino Goitacás !
Predileta do Luar como Verona,
Terra feita de luz e madrigais !

Na planura sem fim do teu regaço
Quem poderá dizer que o sol' se esconde?
Para subir aqui — sobra-lhe espaço!
Para descer aqui — não tem por onde!

Oh Paraíba, oh mágica torrente
Soberana dos prados e vergéis!
Por onde passas, como um rei do oriente,
Os teus vassallos vêm beijar-te os pés !

De Otelo tens a cólera, alteroso,
E o quebranto das pérfidas sereias:
Ora revel, nas formidáveis cheias,
Ora em tranquilo e plácido repouso!

[...]

(Azevedo Cruz, 1901, Profissão de Fé, págs. XV-XXVII.)

Segue o Hino de Campos feito a partir do poema de Azevedo Cruz:

Hino de Campos dos Goytacazes - RJ

Campos Formosa, intrépida amazona
Do viridente plaino goitacás
Predileta do luar como Verona
Terra feita de luz e madrigais

Ó Paraíba, ó mágica torrente
Soberana dos prados e vergéis
Por onde passas como um rei do oriente
Os teus vassallos vêm beijar-te os pés

Nada iguala os teus dons, os teus primores
Val de delícias, o teu céu azul
Minha terra natal ninho de amores
Urna de encantos, pérola do sul

Campos Formosa, intrépida amazona
Do viridente plaino goitacás
Predileta do luar como Verona
Terra feita de luz e madrigais

Ó Paraíba, ó mágica torrente
Soberana dos prados e vergéis

Por onde passas como um rei do oriente
Os teus vassallos vêm beijar-te os pés

Ó Paraíba, ó mágica torrente
Rio que rolas dentro do meu peito.

No primeiro parágrafo do hino, observamos que, além de Azevedo Cruz homenagear a destemida Benta, a **Íntrepida Amazona, chamada assim por Tinoco (958)**, ele realça, também, as riquezas dos verdejantes campos naturais da planície Goitacá e também fala da cidade de Verona na Itália, terra de galanteios, lugar, que, por sua extrema beleza e reputação, inspirou Shakespeare a criar histórias atemporais como Romeu e Julieta, e é a essa suntuosa cidade que Campos é associada por Azevedo, tamanha era a sua admiração.

Do mesmo modo, Azevedo também exalta o Rio Paraíba do Sul, com sua abundância de vida, valendo-se da personificação, figura de linguagem, que evidencia a grandeza e importância do Rio para os “vassallos”, palavra que representa toda a população Goitacá.

E é por essa terra tão rica e amada pelo seu povo que Benta se fez heroína. Assim sendo, é legítimo que ela se sobressaia na ode a Campos como a “íntrepida Amazona”, homenageada por ser uma mulher destemida e para frente do seu tempo, que não se importou com o que os homens da sua época iriam pensar, que fez sua parte e seguiu obstinadamente em busca de uma sociedade melhor, sem amarras, preconceitos e sem exploração de terceiros, praticando de maneira pujante e intensa a arte de subverter em tempos de mesmice e sujeição, como afirma a Professora Doutora Sandra Maria França Viana:

“A figura de Benta Pereira, como forma de quebrar tabus de uma sociedade, em que a superioridade masculina transformou a mulher em objeto de seu uso, mãe de filhos para fornecerem descendência e considerada, na melhor das hipóteses, como possuidora de prendas domésticas, não pode ser desprezada.” (Viana, 2002, p.14)

A mesma autora ainda acrescenta que:

“Ao erguer a espada na luta contra o domínio dos Assecas, no levante de 21 de maio de 1748, essa mulher forte e guerreira construía o mito de bravura campista.

A partir de Benta Pereira, gerações muito fortes de mulheres campistas espalharam-se na figura de heroína e hoje é notória a presença maciça da mulher nas ações coletivas dos movimentos populares em Campos dos Goytacazes. São muitas as Bentas-pereiras que cavalgam hoje, pela planície goitacá.” (Viana, 2002, p.14)

Entre tantas outras homenagens, **nós campistas**, pudemos ter a honra de ter o nome de Benta Pereira batizado no nosso primeiro avião, no Aero-Club campista em 1942, segundo Tinoco, 1958.

Tinoco ainda relata como Benta inspirou muitos poetas como Antônio Barreto e Pedro Manhães:

Benta Pereira

Heroína, mulher, gênio, expansão
Do ideal de justiça e de direito
Viveu, morreu, cumpriu sua missão,
Subindo alto seu conceito.

Era campista de alma e coração,
Seu espírito de lutas está eleito;
Foi exemplo de amor, de vibração,
Trazia o ideal dentro do peito.

Mulher assim merece ser um tema
Descendo-se toda a sua história
Nos românticos versos de um poema.

Das tradições de Campos é pioneira;
De nossa terra é um padrão de glória
Enriquecendo a pátria brasileira.

(Poema de Antônio Barreto, Tinoco, 1958, pg. 189)

Benta Pereira

Abrindo o Panteon de nossa história,

Vejo o teu vulto de mulher guerreira,
a que cantamos hinos de vitória,
envolto em nossa rútila bandeira.

Lutaste pela pátria e não por glória,
Livrando-nos da garra traiçoeira,
Que nos desviava grande trajetória
De terra altiva, nobre, hospitaleira.

Benta Pereira, nome eternizado!
Mostraste o teu vívido passado
Seres valente, justiceira e forte.

Assim morreste, de alma enobrecida:
Se Campos tu tiveste para a vida,
O céu de Deus ganhaste para a morte.

(Poema de Pedro Manhães, Tinoco, 1958, pg. 189)

Pincelamos a contento esses dois poemas, de muitos, que fazem homenagem de forma tão nobre e engrandecedora à Benta Pereira, encontrados do livro de Tinoco (1958), cuja compilação de poesia é riquíssima em condecoração “à intrépida amazona”.

Como podemos ver, Benta foi condecorada de várias formas, essas acima relatadas entre outras. Todo esse agraciamento à guerreira é devidamente merecido, pois graças à sua bravura e compromisso com a sociedade, que, hoje, muitas Bentas circulam por Campos e pelo Brasil inteiro, marcando seu território, ocupando seus lugares como cidadãs de verdade. Como afirma Sandra Viana:

“O mito de bravura da mulher campista circula anonimamente. De Benta Pereira até hoje, início de um novo século, a mulher campista vem ocupando seu espaço. Políticas, empresárias, secretárias, professoras, motoristas, lavadeiras, líderes comunitárias, profissionais liberais, mães de família, prostitutas, todas merecem respeito. Na circulação histórica são muitas – anônimas ou famosas – as Bentas pereiras que *‘cavalgam pela planície Goitacá’* na luta pelos seus

direitos, escrevendo a história de Campos dos Goytacazes. (Viana, 2002, p.14)

Benta não foi apenas mais um número na sociedade, não foi mais uma na multidão, ela foi e ainda é exemplo de posicionamento e empoderamento feminino, afirma Viana (2002).

3. Nísia

Dionísia Gonçalves Pinto, mais conhecida por Nísia Floresta Brasileira Augusta, nasceu em 12 de outubro de 1810 na cidade de Papari, atual Nísia Floresta, no estado do Rio Grande do Norte. Seu pai, um português formado em advocacia, chegou ao Brasil em meados do século XIX e foi morar no interior do estado do Rio Grande do Norte, num lugarejo chamado Papari, lá casou-se com a viúva Antônia Clara Freire, que já tinha uma filha. Nísia teve dois irmãos, Clara e Joaquim. Por causa da profissão do pai que assumia causas de vários fazendeiros, a família viajava muito. Seu pai tinha traços liberais e foi com ele que Nísia iniciou seus conhecimentos liberais. Incentivada por ele, procurou ampliar sua instrução com livros da biblioteca do Convento das Carmelitas, existente desde o século XVII.

Aos 13 anos casou-se. O casamento foi arranjado, porém não há comprovação, de qualquer forma, o casamento durou pouco, e isso mostra a ousadia de Nísia ao enfrentar as convenções de uma sociedade que repudiava mulheres separadas. (Barbosa, 2006).

Em 1828 seu pai é assassinado em Recife por questões políticas. O mandante do crime teria sido um capitão-mor chamado Uchoa Cavalcanti. Nísia tinha 18 anos e essa perda causou serias consequências a família.

Em um de seus livros, Nísia, citada por Barbosa (2006, p. 15) destaca a morte do seu pai:

[...] déspota brutal que exercia naquele tempo as prerrogativas de um título já caduco, o qual lhe dava, porém, como a muitos outros, a oportunidade de satisfazer impunemente os ferozes instintos de sua natureza, dissimulava havia algum tempo seu rancor contra o digno advogado que tivera a coragem de defender a causa de um infeliz pai de família que seu despotismo oprimia, e de enfrentar, com isso, o

terror que seu nome inspirava.

Segundo o Almanaque Histórico Nísia Floresta (2006, p. 15), logo após a morte de seu pai, Nísia conhece um estudante de direito chamado Manoel Augusto de Faria Rocha e os dois protagonizaram um romance impetuoso. Dessa relação o casal teve dois filhos, uma menina chamada Livia Augusta de Faria Rocha, que se tornou o braço direito da mãe, e um menino nascido em janeiro de 1833, Augusto Américo de Faria Rocha.

Em 1832, Nísia se muda para o Rio Grande do Sul com sua família, sua mãe e sua irmã. No mesmo ano em que tem o seu segundo filho, Nísia perde seu marido, que morre aos 25 anos. A dor a consumia, e ela deixava claro seus sentimentos em algumas obras. Após a morte do marido, Nísia exerce a função de chefe da família e durante os anos de 1834 a 1837, trabalha numa escola para meninas o que a ajudou a manter a família.

Há muitas especulações a respeito desta escola, pois não há registro, portanto talvez a escola nem tenha existido como instituição, talvez a Nísia desse aulas em casa e dar aulas só para meninas também é algo questionado pela questão patriarcal em que estavam inseridos os gaúchos. Logo que se inicia a Revolução Farroupilha, Nísia sai de Porto Alegre, mas antes de ir ela conhece e se torna amiga de Anita Garibaldi e Giuseppe Garibaldi, personagens importantes no movimento Farroupilha, inclusive, anos depois, Nísia reencontra com Garibaldi na Europa e dedica a ele alguns escritos. **(Duarte, 2006)**.

Movimentos como a Revolução Farroupilha não eram inusitados à Nísia que viu de perto a Revolução Pernambucana, que assim como a Farroupilha também tinha um caráter emancipacionista. Mesmo assim, em 1837, cansada do clima pesado das Revoluções e buscando uma vida nova, Nísia se muda para o Rio de Janeiro, e lá acentua suas ideias, funda um colégio para moças, o Colégio Augusto, o primeiro colégio dedicado à educação feminina do Rio de Janeiro e publica a terceira edição de seu primeiro livro, Direitos das mulheres e injustiças dos homens. **(Barbosa, 2006)**.

Nísia sofreu muitos preconceitos com o Colégio Augusto, afinal tratava-se de um currículo inovador que propunha uma pedagogia diferente das que

vinham sendo adotadas em outros estabelecimentos de ensino. Nísia oferecia à educação feminina o ensino de disciplinas que, naquele período, eram reservadas aos homens, como latim, francês, italiano e inglês, com suas respectivas gramáticas e literaturas; o estudo da Geografia e História do Brasil; a prática de Educação Física, além disso, havia uma limitação do número de alunas por turma, como forma de garantir a qualidade da educação.

Por que a ciência não nos é inútil? Porque somos excluídas dos cargos públicos; e porque somos excluídas dos cargos públicos? Porque não temos ciência [...] Eu digo mais, não há ciência, nem cargo público no Estado, que as mulheres não sejam naturalmente próprias a preenchê-los tanto quanto os homens (FLORESTA, 1989, p. 52; 73).

Dez anos após ter deixado o Rio Grande do Sul, Nísia publica um livro que fala do papel das mulheres no movimento Farroupilha, cuja intitulação é Fany ou O modelo das Donzelas (1847), na obra Nísia deixa suas impressões a respeito do movimento e também fala com muito afeto e consideração da capital rio-grandense.

Em 1849 Nísia se muda com sua filha para Paris, a mudança foi para tratar a filha que sofrera uma queda de cavalo e também para fugir do preconceito e das pressões sobre o Colégio Augusto. A partir daí, Nísia viajou por vários países, adquiriu fama e conhecimento o que a tornou um ícone.

No dia 24 de abril de 1885 faleceu Nísia, em Rouem na França aos 74 anos. Quase setenta anos depois, em agosto de 1954, os despojos foram trazidos para o Brasil e levados para sua cidade natal, que já se chamava Nísia Floresta. A princípio foram depositados na igreja matriz, depois foram levados para um túmulo no sítio Floresta, onde ela nasceu.

A 24 do passado faleceu em Rouen, França 24 do passado faleceu em Rouen, França, a nossa compatriota e distinta escritora Nísia Floresta Brasileira Augusta, senhora de um espírito esclarecido, de coração generoso e que dedicou a maior parte de sua existência à educação da infância de seu sexo. (DUARTE, 2006, p. 40)

Nísia se foi, mas deixou obras que iriam repercutir suas ideias e todo seu empenho na luta pela condição da mulher. Um deles, seu primeiro livro, Direitos das mulheres e injustiças dos homens.

3.1 A obra: Direitos das mulheres e injustiças dos homens

A educação das mulheres era restrita a atividades domésticas, portanto era incomum ver mulheres atuando em qualquer outra esfera da sociedade, além de incomum era repudiado, portanto, uma mulher escritora, por exemplo, era uma afronta, por isso muitas mulheres adotaram pseudônimos para poderem escrever sem sofrerem preconceito. Nísia também adotou um pseudônimo para escrever suas obras e expor seus ideais. Cada parte do seu nome tem um significado. Nísia como sendo um diminutivo do seu próprio nome Dionísia. Floresta era o nome do sítio onde moravam quando ela nasceu. Brasileira pela sua nacionalidade. E Augusta em homenagem ao seu segundo marido, Manoel Augusto.

Em todos os seus livros Nísia questiona a condição da mulher. Sua primeira obra foi escrita em 1832, *Direitos das mulheres e injustiças dos homens*, um ano antes, 1831, publica em um jornal pernambucano (*Espelho das brasileiras*) uma série de artigos sobre a condição feminina. Em 1842 escreveu *Conselhos a minha filha*, em 1853 *Opúsculo humanitário* e em 1859 escreveu a obra *A Mulher*.

Foi escolhido para esse trabalho a análise da obra *Direitos das mulheres e injustiças dos homens*, por ser a primeira obra escrita por Nísia e por ser a obra que deu a autora o título de pioneira do feminismo no Brasil e na América Latina. O livro trata dos direitos das mulheres à instrução e ao trabalho, inspirado no livro da feminista inglesa Mary Wollstonecraft: *Vindications of the Rights of Woman*. Segundo Duarte (2006), Nísia não fez uma simples tradução, ela se utiliza do texto da inglesa e introduz suas próprias reflexões sobre a realidade brasileira e isso com apenas 22 anos.

Interessante que a Mary Wollstonecraft vivia num país – Inglaterra – em largo processo de industrialização, desenvolvimento, consolidação econômica e mesmo assim a divisão sexual atuava em todas as esferas. Cerca de cinquenta anos depois temos Nísia que viveu no Brasil, um país nos primórdios de sua independência, e ainda atrelado à metrópole que o colonizou, agrícola,

latifundiário, mão de obra escrava e, assim como a Inglaterra, as mulheres eram vinculadas à casa, à família e pouca educação. (Duarte, 2006)

Hoje, a obra tem quatro edições, a primeira em Recife 1832, a segunda em porto Alegre 1833, a terceira no Rio de Janeiro em 1839 e a última em São Paulo 1989. Mesmo assim a obra pode ser considerada rara pela ausência em livrarias e bibliotecas.

Antes da edição de 1989 A Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro possuía dois exemplares até 1930, Porto Alegre só um exemplar até 1940. A sua raridade é tanta que muitos chegaram a não acreditar na sua existência.

A ideia central do livro é expor a sujeição e subordinação das mulheres e isso, segundo a autora, está ligado ao impedimento à educação ou a circunstâncias da vida. O impedimento à educação é feito de propósito, Nísia acredita que as mulheres são presas numa rede viciosa, já que para ocupar cargos públicos é necessário ter acesso à educação, mas como elas irão ocupar tais cargos se são impedidas de chegar à educação necessária? (FLORESTA, 1989, p. 10).

Na introdução, Nísia desconstrói a argumentação de que os homens são naturalmente superiores e compara a superioridade racional dos seres humanos em relação aos animais com a superioridade racional dos homens sobre as mulheres.

Não ignoremos que temos razão; esta é a única prerrogativa que a Natureza nos concedeu para elevar-nos acima da esfera dos animais sensitivos; esta mesma razão que nos faz sentir a superioridade que temos sobre eles, nos mostraria também a dos homens sobre nós, se pudéssemos descobrir neles o menor grau de senso acima do que temos; (FLORESTA, 1989, p. 24).

A autora questiona o julgamento da superioridade, para ela não se pode confiar nos homens, eles não são justos, são corrompidos e creem na sua superioridade por costume, por preconceito e também por interesse já que são extremamente favorecidos. Talvez, se os homens fossem filósofos, conseguissem entender a igualdade entre os sexos, mas como ela mesma afirma, poucos pensam tão abstratos e alcançam essa concepção. Portanto, para Nísia, um filósofo seria um bom juiz por buscar a razão, o acerto e a

imparcialidade para julgar a superioridade dos sexos. (FLORESTA, 1989, p. 30).

O primeiro capítulo se chama “Que caso os homens fazem das mulheres, e se é com justiça”, e, logo no início, Nísia afirma que os homens acreditam que as mulheres nasceram para serem usadas por eles, mas a propagação da espécie humana está essencialmente ligada à participação igual dos dois sexos, então qual é superioridade dos homens nessa tarefa? Nísia também fala nesse capítulo sobre a tarefa de criar os filhos, segundo ela, essa tarefa é desprezada pelos homens, e cria um discurso mostrando que os homens tentam diminuir a importância do papel de criar os filhos e que, na verdade, as mulheres deveriam ser valorizadas por isso, afinal, cuidar, educar e formar pessoas que estarão em convívio social é uma grande responsabilidade. (FLORESTA, 1989, p. 36).

Todos os homens tiveram suas “amas”, como diz a autora, na infância, alguém que cuidasse deles quando não poderiam fazer isso sozinhos, sendo assim, enquanto houver homens e filhos, as mulheres nunca perderão sua utilidade, já os homens deixam de ser úteis em seus ofícios se viverem em um Estado harmonioso, sem problemas que precisam ser resolvidos. Enquanto os soldados defendem os homens adultos, as mulheres defendem os homens quando não têm idade para discernimento e, diferente dos homens, as mulheres desempenham tal tarefa sem ambição e recompensa. (FLORESTA, 1989, p. 38).

Para Nísia, se o único argumento de superioridade for o da força física, então todos deveriam se submeter ao leão e, mesmo assim, até um leão se envergonha de usar sua força quando o oponente é mais fraco. (FLORESTA, 1989, p. 42).

No segundo capítulo chamado “Se as mulheres são superiores ou não aos homens quanto ao entendimento”, Nísia critica o fato da mulher ser usada para conter os excessos dos homens, a ideia que o casamento traz responsabilidade ao homem.

O único meio de arrancar um jovem da libertinagem e torná-lo à sociedade, é dar-lhe por guarda uma mulher capaz de reformá-lo com seu exemplo, moderar suas paixões pela prudência e desviá-lo

de seus excessos por maneiras mais ativas. (FLORESTA, 1989, p. 46).

Outro questionamento levantado nesse capítulo é sobre a capacidade da mulher no campo das ciências. Para a autora, a diferença entre os sexos está restrita ao corpo e não na alma, portanto, os homens têm medo de permitir o avanço das mulheres na ciência e constatar que são melhores do que eles.

Porém, se ele é perfeito em um como em outro sexo, então deve-se supor os homens invejosos e pode-se dizer, sem temeridade, que a única razão porque nos fecham o caminho às ciências é temerem que nós as levemos a maior perfeição que eles. (FLORESTA, 1989, p. 47).

O argumento utilizado pelos homens para afastar as mulheres da ciência é de que elas se tornariam altivas e viciosas, como se a ciência causasse mal para as mulheres, mas Nísia afirma que é justamente a falta do conhecimento que causa o mal.

É um grande absurdo pretender que as ciências são inúteis às mulheres, pela razão de que elas são excluídas dos cargos públicos, único fim a que os homens se aplicam. A virtude e a felicidade são tão indispensáveis na vida privada, como na pública, e a ciência é um meio necessário para alcançar uma e outra. (FLORESTA, 1989, p. 51).

Nísia desmente também as experiências científicas sobre o cérebro humano na tentativa de confirmar a superioridade masculina.

No terceiro capítulo, “Se os homens são mais próprios que as mulheres para governar”, Nísia simula uma conversa com Marco Pórcio Catão, o Jovem (95-46 a.C.), filósofo estoico, conservador, com ideias extremamente preconceituosas a respeito das mulheres, na simulação a autora faz perguntas e cria argumentos que contrapõem o pensamento do filósofo, distorcendo a opinião dele a favor das mulheres.

“- Se nós tornarmos as mulheres nossas iguais”, diz ele, “elas exigirão logo como tributo o que hoje recebem como uma graça.” Mas, qual é a graça que se nos concede? A mesma a que temos pretensões tão justas, como elas? Não têm as mulheres tanto direito, como os homens, às dignidades e ao poder? Se temos, o sábio Catão não o disse; e se não o temos ele devia ter a condescendência de nos convencer. (FLORESTA, 1989, p. 58).

Nísia afirma que, para os homens acreditarem numa coisa bem instituída, é preciso que eles constatem seu firmamento, ou melhor, eles têm que ver que está estabelecido. Mas, como sempre, as mulheres são vistas na mesma condição, ou seja, como as mulheres sempre estiveram na casa, cuidando do lar, da família e submetidas ao domínio masculino, os homens acham que isso é o natural, que as mulheres devem ser assim, já que nunca foram vistas em outro cenário social, seja num cargo público, seja no campo das ciências.

Esse é o assunto que abre o quarto capítulo, “Se as mulheres são ou não próprias a preencher os cargos públicos”. A autora culpa o costume e os privilégios que esse costume traz aos homens para justificar o fato das mulheres não ocuparem cargos públicos, afinal, os homens não mudariam a origem das coisas, e não imaginam as coisas diferentes do que são. Contudo as mulheres só estão sujeitas aos homens pela lei do mais forte e não por falta de capacidade natural ou merecimento.

É preciso pois convir que ver uma mulher, seja qual for sua capacidade, exercer algum desses empregos no século presente, seria um objeto de tanto espanto como se aparecesse alguém trajando agora as modas do tempo da rainha Elizabeth. Entretanto, esta admiração em um e outro seria tão-somente o efeito da novidade. (FLORESTA, 1989, p. 65).

Quanto a retórica, Nísia afirma ser algo natural das mulheres. Para ela, as mulheres têm mais facilidade de se expressar do que os homens. Os homens falam de forma bruta, são redundantes e obtêm gestos insípidos, ao contrário, as mulheres são graciosas, de fala nobre e agradável, gestos decentes e cheios de dignidade sendo bastante persuasivas.

No quinto capítulo Nísia discorre sobre a total capacidade das mulheres atuarem no ensino, o capítulo se chama “Se as mulheres são naturalmente capazes de ensinar as ciências ou não”. Ela ressalta a utilidade da mulher na sociedade e despreza a posição masculina para coisas inúteis e irrelevantes.

Em uma palavra: as observações que as mulheres fazem em sua prática têm-se achado tão exatas e apoiadas sobre razões tão sólidas, que têm demonstrado mais de uma vez a inutilidade e

pedantaria da maior parte dos sistemas das Escolas. Eu duvido que nosso sexo quisesse passar tantos anos tão inutilmente, como fazem esses homens que se apelidam Filósofos; se quisesse aplicar-se ao estudo da Natureza, estou persuadida que acharíamos um caminho mais breve para chegarmos a esse fim. Não faríamos, como certos homens, que empregam anos inteiros e algumas vezes mesmo toda sua vida, a raciocinar sobre entes de razão e bagatelas imaginárias, que só existem em seus próprios cérebros. (FLORESTA, 1989, p. 70).

A mulher no campo da filosofia procuraria se ocupar com tudo que nos cerca e as relações que isso implica, segundo Nísia, isso é mais importante do que pronunciar-se sobre assuntos fantasiosos e inúteis. Além da filosofia, a autora cita a teologia como área de atuação das mulheres, afinal, elas recebem o evangelho com respeito e têm total autoridade em discernir o certo o errado e o justo sem que existam leis para isso.

O sexto e último capítulo do livro “Se as mulheres são naturalmente próprias, ou não, para os empregos”, Nísia fala da capacidade feminina em liderar soldados e participar de guerras, afirma que numa guerra não é só da força física que se precisa e mesmo assim, entre os homens há aqueles que são fortes e fracos assim como entre as mulheres.

Não se acha diferença real na constituição interna e externa dos homens e das mulheres, senão pela parte dos membros destinados à geração. As diferenças que aí se encontram não são suficientes para concluir que um sexo seja naturalmente mais forte que o outro e mais capaz de suportar as fadigas da guerra. (FLORESTA, 1989, p. 80).

A autora tece a ideia de que os mais fracos fisicamente são mais inteligentes entre os homens, e, claro, enaltecendo a condição das mulheres. Portanto, só o atributo da força é supérfluo para os empregos militares. Explica também que a visão que se tem da mulher como um ser frágil, com medo de tudo e incapaz de se defender, é fruto do costume imposto pelos homens.

A maneira por que as mulheres são educadas as autoriza a toda sorte de temor; não lhes é permitido fazer os exercícios que põem os homens em estado de atacar e de se defender. (FLORESTA, 1989, p. 83).

Na conclusão, Nísia deixa claro que não tem por intuito uma revolta contra os homens e nem contra o governo, na verdade, ela faz um “morde e assopra”, pois diante de toda a sua fala de defesa dos direitos das mulheres nos cinco capítulos, a conclusão não pareceu muito condizente com a proposta trabalhada. E isso é um diferencial da Mary Wollstonecraft, texto no qual Nísia se baseou para escrever o livro *Direito das mulheres e injustiça dos homens*, pois **Wollstonecraft** afirma que a mudança da condição da mulher está numa Revolução, já Nísia tece a defesa da educação, se as mulheres tiverem acesso livre a uma educação de qualidade elas não serão mais submetidas à condição em que estão inseridas.

Crendo-se nos incapazes de aperfeiçoar o nosso entendimento, os homens nos têm inteiramente privado de todas as vantagens da educação e, por este meio, têm contribuído tanto quanto lhes é possível a fazer-nos criaturas destituídas de senso, tais quais eles nos têm figurado. Assim, faltas de educação, somos entregues a toda extravagâncias porque nos tornamos desprezíveis; (FLORESTA, 1989, p. 90).

Para **Floresta (1989)**, com a educação, as mulheres aperfeiçoarão seus talentos e capacidades, serão úteis e felizes, na verdade, a autora afirma que os dois sexos serão felizes, porque com seus talentos sendo atuados livremente, as mulheres não estarão sujeitas à ignorância, a injustiça e a crueldade masculina. E os homens, por sua vez, somarão benefícios e desenvolvimento com a parceria feminina.

O livro é realmente um faixo de luz num tempo obscuro para as mulheres, escrever esse livro no século dezenove no Brasil é, de fato, por si só uma revolução. Uma herança de muito orgulho para o Brasil ter na sua história e da América Latina a marca de ter sido uma brasileira a abordar e documentar o feminismo.

Conclusão:

Pela observação de todos os aspectos que o patriarcado arraigou na sociedade, é indispensável que ressaltemos a importância da memória, afinal, ela é nossa identidade, guarda nossas vivências e experiências, fala-nos sobre quem somos e sobre o mundo a nossa volta, por isso é tão importante

preservar a memória de personagens do passado - como Nísia e Benta – e de acontecimentos de extrema importância para o coletivo, como o levante de 21 de maio de 1748, assim como a grande investida contra a ignorância popular, em 1838, que foi a criação da primeira escola para meninas, fundada pela Nísia Floresta.

Nossa identidade não se constrói apenas com características próprias. A memória cultural, artística, material, imaterial e oral têm papel fundamental em nosso pertencimento a uma determinada sociedade. Assim como a história, com seus fatos e personagens, é a relação entre o homem e o passado.

O trabalho salientou as atitudes das mulheres de garra, pois são essas memórias que nos inspiram e que servem de exemplo para todas as demais mulheres. A imagem de Benta Pereira sustenta com excelência esse designo, pois, com base em suas condutas e posicionamentos, é possível afirmar que a intrépida amazona deixa um legado de honra da mulher daquela época para toda a sociedade, assim como a Nísia, que lutou pelo direito à educação, mesmo que, naquela época, parecesse um ato infame.

Duas guerreiras vivendo em séculos diferentes, ambas amordaçadas, sufocadas pelo preconceito e enfrentando infinitas adversidades, mas se levantaram, derrubaram seus insuportáveis fados, retiraram não só suas amarras e mordanças, mas de tantas futuras gerações.

Bibliografia

AUGUSTA, Nísia Floresta Brasileira. Direitos das mulheres e injustiça dos homens. 4 ed. São Paulo: Cortez, 1989.

ALBERTON, M.; CASTRO, A. M. A.; EGGERT, E. Nísia Floresta A mulher que ousou desafiar sua época: educação e feminismo. Poiésis - Revista de Pós-Graduação em Educação, Tubarão, v.3, n.5, p.46-55, 2010. Disponível em: <<http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Poiesis/search>>.

BARBOSA, Paulo. Nísia Floresta: uma mulher à frente de seu tempo: almanaque histórico. 21ª edição. Brasília: Mercado Cultural, 2006. 64 p. Disponível em: <www.projetomemoria.art.br/NisiaFloresta/pro.html >

CASTRO, L. M. A contribuição de Nísia Floresta para a educação feminina: pioneirismo no Rio de Janeiro oitocentista. Revista Outros Tempos, Rio de Janeiro, v. 7, n. 10, p. 237-256, 2010. Disponível em: <www.outrostempos.uema.br/OJS/index.php/outros_tempos.../84 >.

CUNHA, Washington.; SILVA, Rosemaria. A educação feminina do século XIX: entre a escola e a literatura. Revista Gênero. Niterói, v. 11, n. 1, p. 97-106, 2. Sem. 2010.

DEL PRIORE, Mary (org.) & BASSANEZI, Carla (coord. de textos). História das Mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto/Ed. UNESP, 2010.

DUARTE, Constância Lima. Nísia Floresta: vida e obra. 1ª ed. Natal: UFRN, 1995. 150 p.

DUARTE, Constância Lima. Feminismo e literatura: discurso e história. In Revista Estudos

Avançados da USP. São Paulo, USP, v. 17, n. 49, set. /dez. 2003. p. 151-172

DUARTE, Constância Lima. Nísia Floresta: a primeira feminista do Brasil. Santa Catarina: Editora Mulheres, 2005.

DUARTE, Constância Lima. Nísia Floresta e Mary Wollstonecraft: diálogo ou apropriação? In: O Eixo e a Roda. Revista de Literatura Brasileira da Faculdade de Letras da UFMG. Belo Horizonte, vol. 7, 2001.

DUARTE, Constância Lima. Nísia Floresta Brasileira Augusta: Pioneira do Feminismo Brasileiro - Séc. XIX. Mulheres e literatura. ano 1. vol. 1. 1997. Disponível em:

<http://www.litcult.net/revistamulheres_vol1.php?id=7>.

DUARTE, Constância Lima. Nísia Floresta: vida e obra. Natal: EDUFRN, 2008.

FAUSTO, Boris. História do Brasil. 11ª ed. São Paulo: EDUSP, 2002.

FERRAREZI JUNIOR, Celso. Guia do trabalho científico: do projeto à redação final: monografia, dissertação e tese. São Paulo: Contexto, 2015.

Hobsbawm, Eric J. A Revolução Francesa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. Pioneira do Feminismo Brasileiro. Revista Mulheres, São Paulo, v.1, n.3, p.45-47, 1997. Disponível em: <<http://www.litcult.net/revistamulheres_vol1.php?id=7>>

_____. Nísia Floresta: a primeira feminista do Brasil. 1ª ed. Santa Catarina: Mulheres, 2005. 144 p.

_____. Nísia Floresta e Mary Woolstonecraft: *diálogo ou apropriação?* Revista de Literatura Brasileira, Belo Horizonte, n. 7, p. 154, 2001. Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/poslit/08_publicacao002300.htm>.

_____. Nísia Floresta: uma mulher à frente de seu tempo: fotobiografia. 21. ed. Brasília: Mercado Cultural, 2006. 120 p. Disponível em: <<http://www.projetomemoria.art.br/NisiaFloresta/pro.livro/foto.html>>.

Mary Woolstonecraft e Nísia Floresta: diálogo feminista. Disponível em: <<http://unb.revistaintercambio.net.br/24h/pessoa/temp/anexo/1/256/210.pdf>>.

Olympe de Gouges: a revolução e as mulheres. Núcleo de Estudos Contemporâneos - UFF Disponível em: <<http://www.historia.uff.br/nec/materia/grandes-processos/olymp-degouges-mulheres-e-revolução>>.

Pioneira do Feminismo Brasileiro. Disponível em:
<http://www.litcult.net/revistamulheres_vol1.php?id=7>.

PRIORE, Mary Del. História do amor no Brasil. 2^a. Ed. São Paulo: Contexto, 2006. 177 p.

Projeto Memória Banco do Brasil. Disponível em:
<<http://www.projetomemoria.art.br/NisiaFloresta/obr.html>>.

Significado de Capitão-mor. Disponível em: <<http://www.priberam.pt/DLPO/>>.

TINOCO, Godofredo. *Benta Pereira*. Instituto Geográfico e Histórico de Bahia e Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais, 1958.

VIANA, Sandra Maria França. *Benta pereira: A bravura da mulher de Campos dos Goytacazes. Campos dos Goytacazes, RJ. Faculdade de Filosofia de Campos, 2002.*